# 1

# BREE

Equilibrar duas canecas de café a ferver e uma caixa de *donuts* enquanto tento destrancar a porta da frente não é fácil. Mas como sou a melhor amiga que se poderia desejar — o que vou lembrar a Nathan, assim que conseguir entrar no seu apartamento — desembaraço-me.

Solto um assobio quando giro a fechadura, e um grande salpico de café salta-me para o pulso, pelo pequeno buraco na tampa. Tenho a pele clara, por isso há a hipótese de um milhão em cem de deixar uma marca vermelho-viva.

Assim que entro no apartamento de Nathan (que na verdade não devia chamar-se apartamento, porque é do tamanho de cinco apartamentos grandes todos juntos), o seu cheiro limpo e fresco atinge-me como um camião. Conheço este cheiro tão bem, que acho que podia segui-lo como um cão de caça, se Nathan alguma vez fosse dado como desaparecido.

Usando o calcanhar do meu ténis, fecho com força a porta da frente, com energia suficiente para prevenir Nathan de que estou nas instalações.

— ATENÇÃO A TODOS OS *QUARTERBACK SEXY*! CUBRAM O VOSSO MATERIAL! UMA MULHER DE OLHOS GULOSOS ENTROU NO RECINTO!

Um guincho agudo soa na cozinha e eu franzo de imediato o sobrolho. Espreito e descubro uma mulher vestida com um conjunto de dormir de *top* e calções cor-de-rosa, encolhida no recanto mais distante

do balcão que dá a volta à cozinha. Agarra com força uma faca de cozinha junto ao peito. Estamos separadas por uma ilha enorme, mas pela forma como os seus olhos quase saem das órbitas, dir-se-ia que tenho uma faca a combinar com a dela, apertada contra a veia jugular do seu pescoço.

— NÃO SE APROXIME MAIS! — grita ela, e eu reviro de imediato os olhos. Porque precisa de ser tão estridente? Soa como se tivesse uma mola a apertar-lhe o nariz e tivesse inalado um balão inteiro de hélio.

Levanta os braços, para não ser esfaqueada até à morte, mas estou carregada com coisas para o pequeno-almoço — coisas para mim e para Nathan, *não* para a Menina Estridente. Não é a minha primeira volta com uma das namoradas do Nathan, por isso faço o mesmo de sempre e sorrio a Kelsey. E sim, sei o seu nome, porque embora ela finja não se lembrar de mim sempre que nos encontramos, sai com Nathan há uns meses e já nos encontrámos várias vezes. Não faço ideia de como é que ele passa tempo com esta mulher. Parece-me o completo oposto do que escolheria para ele — parecem todas.

— Kelsey! Sou eu, a Bree. Lembras-te?

A melhor amiga do Nathan desde o secundário. A mulher que estava aqui antes de ti e vai estar aqui muito depois de ti. LEMBRAS-TE DE MIM?!

Ela solta um grande sopro e deixa descair os ombros com alívio.

— Oh meu Deus, Bree! Matas-me de susto! Pensei que eras alguma fã obcecada que tivesse conseguido entrar à força. — Pousa a faca, levanta uma das suas sobrancelhas perfeitamente arranjadas, e murmura baixinho: — Mas, por outro lado… és mais ou menos.

Semicerro os olhos na sua direção, com um sorriso tenso.

— O Nathan já se levantou?

São 6h30 da madrugada de uma terça-feira, por isso sei que já está acordado de certeza. Qualquer namorada do Nathan sabe que, se quiser vê-lo nesse dia, tem de acordar tão cedo como ele. Por isso é que Kelsey-pijama-de-cetim está na cozinha, com um ar furioso. Ninguém gosta tanto das manhãs como Nathan. Bem, exceto eu — também as adoro! Mas nós somos um bocado esquisitos.

Ela volta a cabeça devagar na minha direção, com os delicados olhos azuis a arder de ódio.

— Sim, está no duche.

*Antes da nossa corrida?*

Kelsey olha para mim como se lhe custasse muito explicar.

— Esbarrei com ele por acidente quando entrou na cozinha, há bocado. Tinha o batido de proteínas na mão e… — Faz um gesto irritado, deixando-o terminar a sua história: *despejei o batido de Nathan por ele abaixo*. Acho que dá cabo dela admitir que fez alguma coisa humana, por isso fico com pena e volto-me, para pousar a caixa de *donuts* na ilha ridiculamente grande.

A cozinha do Nathan é fantástica. Foi projetada em tons monocromáticos de creme, preto e cobre, e há uma janela larga voltada para o oceano. É o meu lugar favorito no mundo para cozinhar, e o exato oposto do meu pequeno caixote do lixo tristonho, a cinco quarteirões daqui. Mas esse pequeno caixote do lixo tristonho é barato e perto do meu estúdio de *ballet*, por isso não posso queixar-me.

— De certeza que não teve importância nenhuma. O Nathan nunca se aborrece com essas coisas — digo a Kelsey, acenando uma última vez a minha bandeira branca. Ela saca a sua espada de samurai e desfá-la em pedaços.

— Eu sei isso.

*Pois, muito bem.*

Bebo o meu primeiro gole de café e deixo-o aquecer-me, sob o olhar frígido de Kelsey. Não há nada a fazer, a não ser esperar que Nathan venha à superfície, para podermos seguir com a nossa tradição das terças-feiras. Recua ao nosso primeiro ano no ensino secundário. Nessa altura, eu era uma espécie de solitária autoproclamada, não porque não adorasse pessoas e socializar, mas porque vivia e respirava *ballet*. A minha mãe costumava encorajar-me a faltar à dança ocasionalmente, para ir a uma festa e estar com os amigos.

— Esta fase de poderes ser só uma miúda a divertir-se não dura para sempre. O *ballet* não é tudo. Também é importante teres uma vida para além da dança — disse-me ela em mais do que uma ocasião. E claro, como a maioria dos adolescentes obedientes… eu não ouvi.

Entre a dança e o trabalho depois da escola num restaurante, na verdade não tinha amigos. Mas depois *ele* aconteceu. Eu queria aumentar a minha resistência, por isso comecei a correr nas pistas da escola, antes das aulas, e o único dia em que o meu horário me permitia fazê-lo era à terça-feira. Apareci numa manhã e fiquei chocada por ver outro aluno já a correr. Não um aluno qualquer, mas o capitão da equipa de futebol. O Senhor Bonzão McBonzaço. (Nathan não teve uma fase desajeitada. Aos dezasseis anos parecia ter vinte e cinco. Tão injusto.)

Era suposto os desportistas serem mal-educados. Machistas. Convencidos. Nathan não. Viu-me nos meus ténis coçados, os caracóis empilhados no alto da cabeça, no carrapito mais nojento alguma vez visto, e parou de correr. Veio ter comigo e apresentou-se, com o enorme sorriso, que é a sua imagem de marca, e perguntou se queria correr com ele. Conversámos o tempo todo, melhores amigos instantâneos com tanto em comum, apesar de termos sido criados de formas tão diferentes.

Sim, adivinharam — ele vem de uma família rica. O seu pai é CEO de uma empresa de tecnologia e nunca mostrou grande interesse em Nathan, a não ser para exibi-lo no campo de golfe, em frente dos seus amigos do trabalho, e a sua mãe, no essencial, andava por ali e atormentava-o para ser o melhor e levá-la com ele para a ribalta. Sempre tiveram dinheiro, mas aquilo que não tinham, até Nathan atingir o sucesso, era estatuto social. Caso não dê para perceber, não sou grande fã dos pais dele.

Portanto, começou assim a nossa tradição das terças-feiras. E o momento exato em que me apaixonei pelo Nathan? Posso apontá-lo ao segundo.

Estávamos na nossa última volta, nessa primeira corrida juntos, quando a mão dele agarrou na minha. Puxou-a, para eu parar, depois baixou-se à minha frente e apertou-me o atacador do ténis. Podia só ter-me dito que estava desatado, mas não — Nathan não é assim. Não importa quem sejas ou quão famoso ele seja; se o teu sapato está desatado, ele vai atá-lo. Nunca conheci mais ninguém assim. Fiquei perdida por ele desde o primeiro dia.

Estávamos ambos decididos a ser bem-sucedidos, apesar de sermos tão novos. Ele sempre soube que acabaria na NFL, e eu sabia que ia

para a Julliard e depois dançaria numa companhia. Infelizmente, perdemos o contacto durante a faculdade (está bem, fui eu que me afastei), mas por acaso mudei-me para LA depois de me formar, quando um amigo me disse que outro amigo queria contratar um professor assistente no seu estúdio de dança, na mesma altura em que Nathan também assinou com os LA Sharks e se mudou para a cidade.

Esbarrámos um com o outro num café, ele perguntou-me se queria ir correr na terça-feira, para lembrar velhos tempos, e o resto já se sabe. A nossa amizade reatou-se como se não tivesse passado tempo nenhum e, infelizmente, o meu coração ainda sofre por ele da mesma maneira que dantes.

O engraçado é que Nathan nunca planeou chegar tão alto na carreira como chegou. *Nope*, Nathan Donelson foi selecionado na sétima rodada, e aqueceu o banco como *quarterback* suplente durante dois anos completos. Porém, nunca se desmotivou. Trabalhou mais, treinou mais, e assegurou-se de que estava preparado de cada vez que entrava em campo, porque é assim que Nathan aborda tudo na vida: sempre com cem por cento de esforço. E depois, um dia, tudo valeu a pena para ele.

O anterior *quarterback* titular, Daren, partiu o fémur em campo, durante um jogo, e tiveram de chamar Nathan. Ainda sou capaz de fechar os olhos e rever esse momento. Uma maca a transportar Daren para fora do campo. O treinador da linha ofensiva a correr pelas linhas laterais em direção a Nathan. Nathan a saltar do banco e a ouvir as instruções do treinador. E depois… mesmo antes de pôr o capacete e entrar no jogo que ficaria para a história como o que daria início à sua carreira, Nathan procurou por mim nas bancadas. (Não tinha um camarote privado nessa altura.) Levantei-me, os nossos olhares cruzaram-se, e Nathan parecia que estava prestes a vomitar. Fiz a única coisa que sabia que podia ajudá-lo a relaxar: contorci o rosto como uma palerma e deitei a língua de fora, para o lado.

O seu rosto explodiu num sorriso, e depois conduziu a equipa no melhor jogo da temporada. Nathan ocupou a posição de *quarterback* titular o resto do ano e conduziu os Sharks ao Super Bowl, onde levaram a vitória para casa. Esses meses foram um turbilhão para ele.

Na verdade, para ambos, porque foi o ano em que passei de professora num estúdio de dança a *dona* desse estúdio.

Hoje, estou aqui para ir correr com o Nathan e, uma vez que ele não esteve no seu melhor no jogo de ontem à noite, sei que a corrida vai ser dura. A sua equipa ganhou o jogo na mesma (e estão oficialmente nos *playoffs*, VIVA), mas ele perdeu duas interceções, e uma vez que Nathan é um perfecionista no que se refere a... bem, a tudo, sei que vai andar por aqui como um urso com um pote de mel vazio.

A voz esganiçada de Kelsey arranca-me à minha nostalgia.

— Bem, não leves a mal… mas o que é que estás a fazer aqui?

Por *não leves a mal*, ela quer dizer, *não leves isto como uma coisa simpática, porque tenho toda a intenção de parecer mesmo uma bruxa*. Quem dera que agisse assim quando Nathan está por perto. Quando ele está a ver, ela é um docinho.

Ofereci-lhe o meu melhor sorriso, recusando-me a deixá-la roubar-me a alegria tão cedo pela manhã.

— O que te parece que faço aqui?

— A ser uma perseguidora sinistra que está secretamente apaixonada pelo meu namorado e invade o seu apartamento para lhe trazer o pequeno-almoço.

Estão a ver, o problema é este. Ela diz as palavras *meu namorado* como se fossem trunfos. Como se as atirasse para a mesa e fosse suposto eu arfar e tapar a boca com as mãos, em choque. *Meu Deus! Ela ganhou!*

Mal ela sabe que a sua carta é o equivalente de um solitário cinco de paus. As namoradas entram e saem da vida de Nathan como dietas da moda. Eu, ao contrário, estava cá muito antes da Kelsey de duas-caras, e vou estar cá muito depois, porque sou a melhor amiga de Nathan. Sou a que passou por tudo com ele, e ele passou por tudo comigo: a fase desengonçada (eu, ele não), o dia da contratação para o futebol universitário, o acidente de carro que mudou todo o meu futuro, todas as viroses dos últimos seis anos, o dia em que abri o estúdio de dança, e quando os *confetti* caíram sobre ele, depois de a sua equipa ganhar o Super Bowl.

Mas, MAIS importante, sou a única pessoa no mundo inteiro que sabe como é que ele fez a cicatriz de cinco centímetros mesmo por baixo do umbigo. Dou-lhes uma pista: é embaraçoso e tem que ver

com um *kit* de depilação a cera para fazer em casa. Dou-lhes outra pista: desafiei-o a fazê-la.

— Sim! — digo com um sorriso demasiado alegre. — É isso mesmo. Uma perseguidora que está secretamente apaixonada pelo Nathan. Sou mesmo eu.

Arregala os olhos, porque pensava que me tinha mesmo escaldado com aquilo. *Não me podes queimar com a verdade, Kels!* Bem, exceto a parte de perseguidora.

Viro as costas a Kelsey e espero por Nathan. Houve uma altura na minha vida em que tentei ser amiga das namoradas de Nathan. Agora já não. Nenhuma delas gosta de mim. Não importa o que faça para ganhar o seu afeto, estão predispostas a detestar-me. E eu percebo, percebo mesmo. Pensam que sou uma ameaça importante. Mas é aí que a história se torna triste.

Não sou.

Todas elas conseguem ter Nathan de uma forma que eu nunca terei.

— Sabes — diz ela, tentando captar outra vez a minha atenção —, podias só poupar-te a essa vergonha e ires-te embora. Porque quando o Nathan chegar, tenho toda a intenção de pedir-lhe que te mande embora. Tenho sido paciente até aqui, mas a maneira como ages com ele é muito esquisita. Andas à volta dele como um bocado papel higiénico colado.

Tento não parecer condescendente quando lhe ofereço um exageradíssimo sorriso descaído de *Está bem, querida*, e concordo com a cabeça. Porque cá está o que me esqueci de referir antes: não sou uma ameaça para estas mulheres… até o fazerem escolher. Então, sou mais ameaçadora do que uma bomba de purpurinas. Posso não dormir na cama de Nathan, mas tenho a sua lealdade — e para Nathan, nada é mais importante do que isso.

Ela ri-se de mim e cruza os braços. Estamos profundamente embrenhadas numa batalha de expressões assustadoras, quando a voz de Nathan ressoa atrás de mim.

— *Mmmmm*, cheira-me a café e *donuts*? Isso quer dizer que a Queijo Bree está cá.

Dirijo um sorriso-aberto-nada-subtil a Kelsey. Um sorriso *vencedor*.

# 2

# BREE

Nathan entra vestido com um par de calções de desporto pretos e sem *t-shirt*. O seu peito esculpido e bronzeado, que só podia ser de um atleta profissional, está completamente à mostra, e aquele seu V de Adónis pisca-nos o olho e faz-nos corar. Tem o cabelo húmido e reluzente, e os ombros ligeiramente rosados da água quente. Este é o seu ar *acabadinho de sair do chuveiro*, e não importa quantas vezes já o tenha visto, nunca deixa de me enrolar a língua.

Tem uma pequena toalha na mão, que esfrega pelo seu incrível cabelo cor de chocolate. A sortuda da toalha ri-se de prazer. O cabelo de Nathan é tão ondulado e delicioso que tem um patrocínio de cinco milhões de dólares com uma marca de produtos capilares masculinos de luxo, por causa dele. E depois do primeiro anúncio ir para o ar — Nathan a sair do duche no balneário, com uma toalha enrolada à cintura, gotas de água a deslizar pelos músculos firmes, a segurar aquele frasco de champô — as mulheres por todo o lado correram para as lojas, para comprar a mesma marca, na esperança de transformar, por artes mágicas, o seu homem em Nathan. Pelo menos, queriam que o seu homem cheirasse como Nathan. Mas aqui está outro segredo que só eu conheço — o cabelo do Nathan não cheira àquele champô, porque ele prefere uma marca genérica barata, num frasco verde, que usa desde os dezoito anos.

— Achei que podias precisar disto — disse eu, dando a Nathan uma caneca fumegante de café da nossa lojinha favorita, a poucos quarteirões dali. Abro a caixa de *donuts* como se fosse uma arca do tesouro. Os *donuts* brilham à luz. *Bing!*

Nathan solta um gemido rouco e inclina a cabeça para o lado, um sorriso suave no canto da boca, enquanto atira a toalha para cima do balcão.

— Pensei que era a minha vez de ir buscar o café e os *donuts*.

Tira um da caixa, coberto com xarope de ácer, e inclina-se para me dar um beijo rápido na bochecha, como faz sempre. Completamente platónico. *Fraternal*.

— Sim, mas acordei muito cedo esta manhã, com uma cãibra na barriga da perna, e não consegui adormecer outra vez, por isso decidi ir buscá-los.

Espero que ele engula a minha treta.

A verdade é que não conseguia dormir porque acabei com o meu namorado ontem à noite e estou com receio de contar a Nathan. Porquê? Porque sei que ele vai fazer-me perguntas, até descobrir a verdade por trás do rompimento. E não pode saber que acabei com Martin, porque Martin não é Nathan.

Talvez se eu fechasse os olhos, tapasse os ouvidos e balançasse a cabeça para um lado e para o outro tivesse sido capaz de me levar a pensar que era ele. Mas quem quer viver assim? Não é justo para mim, nem para Martin. Por isso, agora o objetivo é encontrar um homem que me atraia mais do que o Nathan. Um estouro de um homem… é o que procuro. Desta vez, não vou contentar-me com nada menos do que total *apaixonamento*.

Nathan levanta uma das suas sobrancelhas espessas.

— Se calhar devias ter comido uma banana antes de ires para a cama ontem à noite.

Reviro os olhos.

— Sim, sim, mas a minha resposta é sempre a mesma: detesto bananas. São tão moles e sabem a… bananas.

— Não importa. O teu potássio está claramente…

Kelsey pigarreia, e é quando reparamos no seu ar tremendamente carrancudo.

— Desculpem. Não achas estranho que ela esteja aqui às seis e meia da manhã, com café e *donuts*, quando tens cá a tua *namorada*?

Outra vez a palavra com N. E *okay*, talvez devesse ter percebido que Kelsey lá estaria nessa manhã, e devia ter esperado que Nathan viesse ter comigo com o café e os *donuts*. Erro meu. Por vezes esqueço-me de que Nathan e eu não temos uma amizade particularmente normal. Nathan aclara ligeiramente a garganta.

— Desculpa, Kelsey, pensei que sabias que as terças são sempre os meus dias de ir correr com a Bree.

— *Yep*. — Ela revira os olhos e faz estalar o som «p». — Como é que podia esquecer-me, quando acontece TODAS AS TERÇAS. Literalmente a tua única manhã de folga durante a temporada.

Parece-me uma conversa privada, para a qual não devia estar presente. Na verdade, concordo mais ou menos com ela. É estranho que o Nathan e eu sejamos tão bons amigos. Tentei retirar-me do cenário muitas vezes, para ele passar mais tempo com a namorada, mas ele nunca permite. Se fosse eu a sua namorada, porém, seria muito territorial com o seu tempo livre.

As terças-feiras na NFL são dias de folga para quase todas as equipas. Mas aqui está o ingrediente secreto de que nem todos os jogadores se apercebem: os melhores também vão ao centro de treino nos seus dias de folga. Concentram-se nas suas fraquezas, encontram-se com os fisioterapeutas, reveem gravações de jogos antigos — qualquer coisa que os ajude a destacar-se dos outros. Nathan nunca descansa à terça-feira, mas vai um bocadinho mais tarde, para podermos correr juntos de manhã.

— Não podes, tipo, tirar *uma* manhã?

Ela exagera cada palavra, e não sei como é que ele aguenta a voz dela.

Nathan franze as sobrancelhas e cruza os braços. Quero escapar-me devagar do quarto, porque sei o que vai acontecer a seguir.

— Na verdade, não. Preciso de uma boa corrida para sacudir aquele mau jogo, antes de ir treinar hoje.

A boca de Kelsey escancara-se.

— Mau jogo? Querido, tu ganhaste! A que te referes?

Em uníssono, Nathan e eu dizemos:

— Duas interceções.

Caramba! Kelsey não gostou. Os seus olhos estreitam-se, até serem pequenas frestas assustadoras.

— Que giro. Estão a ver o que quero dizer? Não é uma amizade normal. E sabem que mais? Já me fartei de competir com o que quer que isto seja. Está na altura de tu… — *Não digas, Kelsey!* — escolheres. Ou eu ou ela.

Ela pestaneja várias vezes, e eu volto as costas, para dar a Kelsey alguma privacidade neste momento de perda. *Caríssimos, estamos hoje aqui reunidos para lamentar a relação insignificante, minúscula, que era a de Nathan e Kelsey*.

— Kelsey, eu disse-te logo de início que não estava à procura de nada sério neste momento, e tu disseste que estava bem para ti…

Nathan para.

Bolas, detesto que ele tenha de fazer isto. Dá cabo dele, dizer o que é preciso para acabar uma relação, porque é um urso de peluche gigante, e sólido como uma rocha. Quem me dera poder fazê-lo por ele, mas tenho a impressão que levava com uma frigideira na cara.

Kelsey guincha.

— Estás a gozar comigo?! Estás a escolhê-la a *ela*, em vez de *mim*?

*Okay*, não adoro o tom dela.

— Sim — diz ele simplesmente.

Saltam chamas do alto da cabeça de Kelsey.

— Então não podes dizer-me honestamente que não andas a dormir com ela!

— Não anda, acredita em mim — digo. Depois, preocupa-me que possa ter soado um bocado amargo de mais, por isso acrescento. — Mesmo. Só amigos. Seríamos horríveis juntos. Somos mais como irmãos.

*Blagh*, soube-me mal na boca.

Nathan aponta o queixo na minha direção e demora um segundo, mas sorri.

— Sim. Nunca… — A sua voz desvanece-se e vejo-o engolir em seco, porque lhe é difícil até imaginar-nos assim — …fomos amigos coloridos.

*Nunca. Nem uma vez. Nada. Nicles*. Um beijinho na bochecha foi o mais próximo que estive de alguma ação com Nathan, razão pela qual sei que não está interessado em mim. Um homem perdidamente apaixonado por uma mulher não consegue deixar de lhe tocar na noite de filmes durante seis anos seguidos. E o Nathan e eu nunca tocámos um no outro.

Por isso, agora faço o que posso para lhe provar que sou TÃO BOA nesta coisa da amizade. Porque, francamente, sou. Adorava casar com ele e ter os seus bebés gigantes e musculosos? Sim. Num piscar de olhos. Mas não está destinado para nós, e maldita seja eu se estragar a nossa amizade ao tornar as coisas estranhas, ao descobrir que estou apaixonada por ele, quando já tem o número da próxima modelo com quem tenciona andar meio marcado no telemóvel.

O problema maior é que sei que se lhe contasse os meus verdadeiros sentimentos, ele tentaria agradar-me, porque gosta mesmo de mim como amiga. Dava o seu melhor, talvez andasse comigo meia dúzia de semanas, mas depois avançava para alguém com quem tivesse mesmo química, e eu perdia o meu melhor amigo. Não vale a pena.

*Yèp*, estou bem assim.

Hei de acabar por encontrar alguém tão fantástico como Nathan.

(*Provavelmente não*.)

— Certo. Bem, então… gozem bem a vossa amizade esquisita. Porque eu vou-me embora. — Kelsey para um instante, mas não ouço passos. Está à espera de que ele a impeça. Isto é desconfortável para todos. — Vou mesmo. Neste instante. Saio por aquela porta para sempre, Nathan.

*Nãão, não vás!* penso eu, com zero de sinceridade.

E depois ela sai furiosa. Nathan segue-a em direção à porta, a dizer-lhe qualquer coisa do tipo que ela ainda está de pijama e se não devia ir primeiro buscar as suas coisas? Ela diz-lhe para lhas mandar, porque não aguenta olhar para ele nem mais um segundo. O grau de drama é elevado.

Ouço a porta bater e dou um pontapé no ar. *Boa viagem!*

Também agarro no telemóvel e mando uma mensagem à minha irmã mais velha.

**Eu:** Foi-se mais uma. A Kelsey está fora!

**Lily:** Durou mais do que esperava.

**Eu:** Ou seja, tempo a mais.

**Lily:** Sê simpática. Ele pode estar triste.

**Eu:** *Mmmmm*, sou sempre simpática, muito obrigada.

**Lily:** Aposto que estás com um sorriso sinistro.

Quando Nathan regressa por fim à cozinha, forço o meu rosto a mostrar uma carantonha sincera, para provar que Lily estava errada.

— Lamento, amigo.

— Não lamentas nada — diz ele, com um riso abafado, enquanto encosta a anca nua ao balcão.

Gostava mesmo que ele pusesse mais roupa. É doloroso ter de olhar para uma coisa tão bonita e nunca lhe tocar. A pele de Nathan é como a areia dourada e quente de uma praia exótica, a envolver numa forma que se mexe de maneira a deixar-te imediatamente desidratada. O seu físico perfeitamente esculpido é a razão para ter sido considerado o Homem Mais Sexy e escolhido para capa da edição da *Pro Sports Magazine* para a condição física, onde se destacam e celebram todos os tipos de formas físicas dos atletas profissionais, bem como o que têm de fazer para manterem os corpos absolutamente em forma. É uma edição elegante, com mãos e coxas bem colocadas, a esconder as partes mais importantes. Mas sim, Nathan está completamente nu nessa revista. E embora eu tenha cinco cópias, nunca fui capaz de abri-las (a capa só o mostra da cintura para cima). Há limites que simplesmente não se podem atravessar numa amizade. A nudez é um deles.

Pego num *donut* e enfio-o na boca, para me impedir de sorrir.

— Não! É mesmo verdade. A Kelsey parecia… divertida.

— Deitaste-lhe a língua de fora no camarote, ontem à noite.

— Caramba! Os Vingadores sabem de ti e da tua visão sobre-humana?

Ele sorri e estica o braço, para puxar o meu rabo-de-cavalo despenteado.

— A Kelsey era estúpida contigo quando eu não estava? Sê honesta.

Nathan tem olhos pretos. Não são chocolate, não são castanhos. São mesmo completamente pretos. E quando os fixa em mim desta forma

parece que sufoco. Como se não pudesse escapar da sua intensidade, mesmo que quisesse. Encolho um ombro e bebo um gole de café.

— Não era fantástica, mas não tem importância.

— O que é que dizia?

— Não importa.

Ele aproxima-se.

— *Bree*.

— *Nathan*. Vês, também consigo.

Ele fica calado… pensativo, uns meros 15 centímetros entre os nossos peitos.

— Lamento que ela te tenha feito sentir mal. Não percebi que era assim contigo, ou já tinha acabado com ela há muito tempo.

Um cantinho do meu coração dói. Se ele se importa assim tanto com ter-me na sua vida, porque é que não se sente atraído por mim? *Não. Na-nã. Não vou pensar nisso*. Recuso-me a ser essa rapariga. Somos amigos e estou contente com isso. Grata por isso. E talvez um dia a vida me atire um homem que me ame tanto como eu o amo a ele. De qualquer maneira, neste momento estou bem.

— Bem, eu também não ajudei muito. Provavelmente não devia vir aqui tão cedo e entrar sem bater. — Dou uma grande dentada no meu *donut* de chocolate. — Devia implementar limites melhores.

— Provavelmente — diz ele, soando grave e sério. Mas quando os meus olhos saltam para os dele, Nathan tem um sorriso rasgado, com uma covinha na bochecha direita e tudo. Empurro-lhe o braço, divertida.

— O quê?! Se é assim, também devia tirar-te a chave do meu apartamento. Implementar esses limites.

Ele dá uma dentada no seu *donut*, ainda a sorrir.

— Boa sorte. Nunca vais tê-la de volta.

O seu braço toca no meu quando passa por mim, e eu pergunto-me se seria uma quebra desses limites, se me colasse ao seu corpo como uma lapa.

Acho que preciso desta corrida mais do que ele, e por razões completamente diferentes.